

Entre a Parceria e a Plataforma 7 e Meio: Homossexualidade, Linguagem e Espaço Urbano

Marcio Zamboni

Resumo:

Esse artigo parte do esforço de interpretação de um trecho particularmente interessante de uma entrevista para realizar uma série de reflexões acerca da experiência da homossexualidade, suas diversas formas de inserção no espaço urbano e seus processos discursivos de resignificação. Os questionamentos que culminaram na produção deste artigo se inscrevem no contexto da pesquisa “Homossexualidades em Camadas Altas na Cidade de São Paulo”.

Palavras-chave: Homossexualidade – Linguagem – Espaço Urbano – Classe – São Paulo.

O presente artigo parte do esforço de interpretação de um trecho particularmente interessante de uma entrevista para realizar uma série de reflexões acerca da experiência da homossexualidade, suas diversas formas de inserção no espaço urbano e seus processos discursivos de ressignificação. Os questionamentos que culminaram na produção deste artigo se inscrevem no contexto da pesquisa “Homossexualidades em Camadas Altas na Cidade de São Paulo”.¹

A entrevista em profundidade, realizada com Ricardo,² 50 anos,³ em novembro de 2009, constitui o ponto de partida e o objeto central deste artigo. Ricardo, assim como todos os indivíduos que me concederam entrevistas durante o desenvolvimento da pesquisa, se afirma como homossexual e pertence àquelas que poderíamos chamar de camadas altas⁴ na cidade de São Paulo. A análise detida de um trecho peculiar dessa entrevista deve servir de eixo motor para a exposição do argumento.

Outras duas entrevistas em profundidade serão consideradas neste artigo: as realizadas com Rebeca, 42 anos, também em novembro de 2009, e com Lucas, 30 anos, já em março de 2010. Considerando que ambos apresentam trajetórias e perspectivas de vida bastante diversas, acredito que as entrevistas com eles realizadas possam servir como um interessante contraponto ao caso de Ricardo.

Inicialmente, alguns esclarecimentos precisam ser feitos para que o trecho em questão possa ser melhor compreendido. Em primeiro lugar, é importante frisar que esse momento da entrevista sucede um trabalho de recuperação da trajetória sexual e afetiva do entrevistado no qual fizemos um retrospecto dos relacionamentos, situações e sentimentos que o entrevistado considera mais significativos nesse sentido. Em segundo lugar, é importante esclarecer quem é Armando. Conhecido meu fora do contexto da pesquisa, Armando é amigo próximo de Ricardo há anos, tem mais ou menos a sua idade, é casado há pelo

1 Essa pesquisa, que venho desenvolvendo desde junho de 2009, sob a orientação de Laura Moutinho, é vinculada ao NUMAS (Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença do Departamento de Antropologia da FFLCH/USP) e conta com o financiamento da FAPESP (processo 2009/01764-9). Todas as entrevistas aqui citadas foram realizadas nesse contexto.

2 Os nomes relativos a entrevistados e indivíduos por eles mencionados ao longo das entrevistas foram alterados em suas citações neste artigo, de forma a preservar suas respectivas identidades.

3 As idades citadas se referem à data de realização de cada entrevista.

4 Para pensar a dinâmica de classe no contexto pesquisado, as seguintes características típicas de indivíduos de camadas altas foram tomadas como referência: ampla disposição de tempo e dinheiro para atividades de lazer e consumo, extensa instrução e capacitação para o trabalho, reconhecimento e acesso privilegiado a redes estratégicas nos campos onde se inserem (Bourdieu, 2008).

menos 20 anos, tem filhos e, até onde vai o meu conhecimento, se apresentou sempre como heterossexual.

A seguir o trecho da entrevista de Ricardo, que servirá de base para o desenvolvimento da minha argumentação:

– *Bom, e onde você conheceu a maioria dos seus parceiros? Em que tipo de lugar?*

– Olha, através de amigos.

– *Isso os parceiros fixos. Agora você falou também em Ibirapuera...*

– Ah, você diz parceiros de... Nossa Senhora! É... Eu brinco com o Armando, que você conhece, que tem a Plataforma 7 e meio. Sabe, do Harry Potter?

– *Sei.*

– É que o Armando vai nos mesmos lugares, eu conto essas coisas e ele fala “Não é possível, Não é possível!” Eu falo: “É, Armando, aconteceu, foi assim, assim, assim, assim”. Então, é a plataforma 7 e meio. [...] E essa plataforma 7 e meio está presente em todos os lugares... Os mais óbvios: Ibirapuera, sauna, boate, seja lá o que for; até os menos óbvios: Clube Pinheiros, vestiário do clube, essas coisas...

São Paulo é uma verdadeira Sodoma e Gomorra. Ai, ai...

– *Então você não sai à procura, geralmente com você acontece, é isso? Ou você já saiu...*

– Ah, não!, muito, muito...

– *Especificamente com esse intuito?*

– Ah!, saio, saio...

– *Mas aí, em que tipo de lugar você vai?*

– Olha, eu tomei umas invertidas na vida, né? Em especial no Rio de Janeiro. Eu aprendi que você deve ir a lugares onde as pessoas vão lá para isso...

O que há de interessante nesse trecho? Em primeiro lugar, vemos a multiplicidade de significados associados à palavra “parceiro”, multiplicidade que não havia sido considerada quando foi elaborada a pergunta. Porém, muito mais interessante e profunda do que essa multiplicidade parece a própria diversidade da experiência sexual vivida, descrita e (re)elaborada por Ricardo ao longo da entrevista. Apenas nesse trecho nos vemos diante de três tipos bastante diversos de encontro, cada um deles engendrando formas peculiares de relação com os parceiros e com o espaço urbano e exigindo, portanto, chaves interpretativas particulares para serem tratados antropologicamente. Estamos falando, em última instância, de diferentes dimensões da experiência sexual.

As perguntas que procuro responder agora são, portanto: que dimensões de experiência sexual são essas? Quais são as principais características de cada uma

delas? Como elas foram vividas pelo entrevistado? E, por fim, que instrumentos teóricos podem ser úteis para dar inteligibilidade ao que foi vivido?

Gostaria de afirmar, antes de dar continuidade a esse empreendimento, que não estamos aqui deixando de considerar toda a imensa série de mediações e permeabilidades entre essas supostas dimensões. Ao contrário, busco justamente tornar visível como a experiência de certos indivíduos cruza livre e displicentemente uma grande variedade de aparatos teóricos, oferecendo uma articulação complexa de questões para a antropologia. Em outras palavras, minha intenção é menos reforçar as divisões históricas entre campos de estudo e mais refletir sobre certas fronteiras e convenções que vêm constituindo a linha de pesquisa onde este trabalho se insere.

Se seguirmos a ordem cronológica da entrevista temos, em primeiro lugar, a parceria, que parece aqui se referir à parceria estável, ao namoro, às conjugalidades, conjunto de relações diretamente relacionado às redes de amizade. Em segundo lugar, temos o universo fantástico da “Plataforma 7 e meio”, dos encontros ao acaso e das aventuras sexuais. Por fim, temos o conjunto dos “lugares onde as pessoas vão para isso”, as casas noturnas, as saunas especializadas, os bares, os guetos, os banheiros, os pontos de pegação, os autoramas etc...

Começamos desenvolvendo então melhor essa ideia da “Plataforma 7 e meio” apresentada por Ricardo. Trata-se de uma referência direta à “Plataforma 9 e meia”, presente na série de romances juvenis protagonizada por Harry Potter, de autoria da escritora britânica J. K. Rowling. A pergunta que se coloca agora é: que elementos de *Harry Potter* podem ter sido apropriados para a descrição desse tipo de encontro?

Há, acredito, duas características na “Plataforma 9 e meia” presentes nos romances de Harry Potter que podem ser transpostos para uma interessante analogia dessa espécie de experiência sexual.⁵

Em primeiro lugar, temos uma relação apenas circunstancial, pontual entre experiência e espaço urbano. Da mesma forma que a estação de trem de Londres é apenas uma porta de entrada para o universo dos bruxos, os lugares

5 No II.º capítulo do quarto volume da saga de Harry Potter (“Harry Potter e o Cálice de Fogo”) encontramos a seguinte descrição acerca do embarque na plataforma 9 e meia: “A essa altura, Harry já estava se acostumando a embarcar na plataforma 9 e meia. Era apenas uma questão de rumar diretamente para a barreira, aparentemente sólida, que dividia as plataformas 9 e 10. A única parte difícil era fazer isso discretamente de modo a não chamar a atenção dos trouxas. [...] Harry, Rony e Hermione [...] foram os primeiros; eles se encostaram na barreira, conversando despreocupadamente e deslizaram de lado por ela... e, ao fazerem isso, a plataforma nove e meia se materializou diante deles”. (Rowling, 2001, p. 133).

onde as relações de espécie “plataforma 7 e meio” têm início são apenas pontos de partida, âncoras, da experiência sexual vivida pelos atores.

A relação entre experiência sexual e espaço urbano é, portanto, essencialmente precária nesse momento. Devemos reafirmar então a significativa distância entre um tipo de experiência que “está em todos os lugares”,⁶ e que, portanto, não é associada a nenhum lugar em particular de uma experiência vivida em “lugares onde as pessoas vão para isso”. Não estamos aqui na chave das territorializações, nos aproximamos ao contrário do que poderíamos chamar de uma experiência nômade da sexualidade nos termos propostos por Gilles Deleuze e Félix Guatarrie (Deleuze; Guatarrie, 2008). Em outras palavras, não são os significados associados ao território que orientam essa espécie de experiência, mas é justamente a peculiaridade dessas experiências que desterritorializa o espaço, reformulando-o de acordo com a lógica própria de seu desenvolvimento. Talvez nem mesmo as territorialidades marginais formuladas por Néstor Perlongher (In: Green; Trindade, 2005) sejam uma ferramenta especialmente interessante para pensarmos essa dinâmica em particular, uma vez que a maior preocupação desse autor parece ser justamente as reterritorializações voláteis produzidas por essas *fugas desejantes*.

Outra referência interessante seria a da “Cidade Sadiana”, descrita por Roland Barthes (Barthes, 2005). Na narrativa característica da obra do Marquês de Sade, todo o espaço se constrói em função do pecado, da devassidão, “o que importa percorrer não são contingências mais ou menos exóticas, é a repetição de uma essência, a do crime”⁷ (Barthes, 2005, pp. 3-4). O espaço é dessa forma impiedosamente ressignificado até que a própria totalidade do urbano se vê transmutada em uma surpreendente e fantástica cidade do pecado: “São Paulo é uma verdadeira Sodoma e Gomorra”.⁸

Diante dessa possibilidade de ressignificação completa do espaço urbano pela prática sexual, nada parece mais natural do que deslocar o foco dessa análise da relação com o espaço para a descrição das características intrínsecas dessa

6 Talvez fosse até mesmo mais apropriado falar de uma experiência que “*pode estar em todos os lugares*”.

7 Por essa palavra (“Crime”), Barthes entende a devassidão, a depravação, a libertinagem.

8 Acredito que Ricardo tenha se referido aqui à história bíblica das cidades de Sodoma e Gomorra, destruídas pela ira de Deus como represália ao imenso número de pecados cometidos por seus habitantes. A palavra “Sodomia” (como um pecado supostamente praticados pelos extintos habitantes de Sodoma) seria também historicamente associada à condenação religiosa da prática de sexo anal e da própria homossexualidade. “Sodoma e Gomorra” é, ainda, o título de um dos volumes de “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust, particularmente aquele no qual esse escritor francês aborda diretamente a questão da homossexualidade.

espécie de prática. É então que encontramos a segunda dimensão da analogia operada por Ricardo com a saga de Harry Potter.

A chave do problema nesse sentido é a relação de cumplicidade que se processa entre os indivíduos envolvidos nessa experiência peculiar e a conseqüente discrição diante dos demais presentes. Da mesma forma que a estratégia de embarque na plataforma 9 e meia é um segredo dos bruxos que precisa ser posto em prática sem chamar a atenção dos “trouxas”, a vivência de aventuras (homos)sexuais desterritorializadas é carregada de uma tensão (muitas vezes excitante) relativa à necessidade de manter a realização dessas práticas em relativo segredo.

A relação entre linguagem erótica e cumplicidade é formulada de forma muito clara e instrumentalmente útil em um breve artigo de Dino Preti acerca do *Dicionário Erótico de Bock* (Preti, 1984). Da mesma forma que a possibilidade de um entendimento “malicioso” entre leitor e autor se constrói numa espécie de jogo, onde o leitor precisa ter certa disposição e dominar um tipo particular de código para compreender o duplo sentido de um texto aparentemente “inocente”, poderíamos dizer que o desenvolvimento de uma relação sexual entre dois indivíduos em um contexto aparentemente trivial só ocorre quando houver em ambos uma determinada intenção e a compreensão mútua de uma espécie de código capaz de passar despercebida aos demais presentes.

A distância entre o jogo erótico e a linguagem trivial parece representar, nesse sentido, a própria analogia da distância (relação precária) entre a plataforma 7 e meio e o espaço urbano. Há, podemos assim dizer, certo paralelismo entre a autonomização lógica da linguagem maliciosa e a desterritorialização simbólica do espaço urbano. E da mesma forma que o uso da linguagem maliciosa não altera imediatamente os significados da linguagem trivial, as práticas sexuais nômades não transformam imediatamente o espaço urbano. A fixação de códigos em gírias e a territorialização de certas práticas escapam dessa dimensão da experiência e constituem, precisamente, a dimensão que tratarei a seguir.

Esse universo de códigos, encontros e desencontros característico das experiências sexuais vividas na “Plataforma 7 e meio” ganha frequentemente uma dimensão lúdica, tanto para os envolvidos quanto para aqueles que ficam perplexos com a dificuldade de acompanhar a dinâmica peculiar desses eventos (a frequência de repetição da expressão “não é possível” é bastante significativa nesse sentido). O trecho a seguir foi extraído da entrevista realizada com Rebeca, de 42 anos:

Pelo que os meus amigos dizem. Os gays, né? Eles conseguem transar, por exemplo, com um cara que não é um praticante, não é um gay que tem intenção de namorar homem. Não, um cara, um cara aí qualquer, a fins de tirar uma chinfra? Eles

conseguem saber se existe um potencial ou não. Eu já vi situações assim absurdas de se dar muita risada. Como é que vocês conseguem? Você não tem ideia do que esses meninos conseguem! Assim, sai para dar um volta, foi pegar um cigarro ali e já volta com uma historinha que aconteceu... Não é possível, não é possível! Cansei de ver, de a gente viajar, sumia 10 minutos e quando via já estava com uma história acontecendo, com garçom, com outro que estava sentado ali... É muito engraçado, é muito engraçado... Isso mulher não faz, meu, dificilmente... Não faz parte do universo e... É a brincadeira do masculino, é uma molecagem, sabe, molecagem? É uma molecagem, entendeu? Engraçado e eles têm, eles conseguem saber. É por um gesto, ou um cara vai lá, ele dá pinta e o cara responde não sei o que, nananá, e o cara já sabe se o outro vai ou não vai... É rápido, olha. Esse código com mulher é muito mais difícil... Então é assim, outra dinâmica, tá?

Esse trecho nos leva a outro tema: os curiosos cortes de gênero (no caso de Rebeca) e de orientação sexual (no caso de Armando) na constituição desses códigos de cumplicidade maliciosa. O corte de orientação sexual parece ser mais fluido, facilmente superado se houver desejo ou interesse por parte do indivíduo, por assim dizer, não-homossexual.⁹

Outra analogia pode então ser feita a partir da leitura feita por Barthes da obra do Marquês de Sade: a caracterização dos personagens, ou atores, pelos discursos dos quais são portadores. Da mesma forma que em Sade “A vítima não é aquele ou aquela que sofre, mas aquele ou aquela que tem determinada linguagem” (Barthes, 2005, p. 171) na “plataforma 7 e meio” o parceiro (ou o homossexual) não é aquele que “tem intenções de namorar homem”, mas aquele que pratica uma certa linguagem (maliciosa).

Se insistirmos nessa definição de parceiro, podemos pensar que esse conjunto de práticas não se autonomiza apenas em relação ao espaço urbano, ele é capaz de ressignificar diversos eixos de diferenciação. O discurso malicioso não se define imediatamente por uma determinada raça ou classe, por exemplo. Existe evidentemente em seu interior um espaço até mesmo bastante rico para as simbologias de raça e classe, mas a distância entre essa simbologia e as relações de poder vividas é tão significativa como a que se observa entre a estação de trem de Londres e a Plataforma 9 e meia na saga de Harry Potter.¹⁰ Na trajetória de Ricardo, a possibilidade de viver uma experiência sexual nos termos da

9 Nesse sentido, estamos tratando a homossexualidade como uma categoria nativa. Nas palavras de Rebecca: “não é um gay que tem intenção de namorar homem”.

10 O conceito de “tensor libidinal” proposto por Nestor Perlongher em “O Negócio do Michê” (Perlongher, 1987) e revisto por Laura Moutinho em “Negociando com a Adversidade” (Moutinho, 2006) pode ser uma via interessante para explorar essa distância.

“Plataforma 7 e meio” com indivíduos de classes sociais e raças absolutamente diversas parece ter de fato se concretizado.

Uma última consideração merece ser feita acerca dessa dimensão da experiência sexual de Ricardo: o problema da efemeridade, ou da fugacidade, das relações assim ocorridas. Não há limites tão rígidos a esse respeito, mas não é difícil imaginar por que uma relação iniciada nos termos da “Plataforma 7 e meio” que se estenda no tempo escapa rapidamente desse universo para se aproximar de outra espécie de experiência.

Passemos, então, ao universo dos “lugares onde as pessoas vão para isso”. Acredito ser bastante significativa para pensar essa dimensão da experiência sexual a ideia de “territorialidade” desenvolvida por Nestor Perlongher em “O negócio do michê”. Nas palavras do autor:

À ideia de identidade, que define os sujeitos pela representação que eles próprios fazem da prática sexual que realizam, ou por certo recorte privilegiado que o observador faz dessa prática, justapomos a ideia de territorialidade. Daí o “nome” dos agentes num sistema classificatório-relacional vai exprimir o lugar que ocupam numa rede mais ou menos fluida de circulações e intercâmbios. Os sujeitos se deslocam intermitentemente nesses *spatium continuum* e são passíveis de permanecer na mesma posição a respeito dos outros, ou ainda mudar de posição” (Perlongher, 1987 pp. 152-153).

Estamos diante, então, de uma dinâmica que organiza corpos, desejos, práticas e subjetividades tendo como referência a topografia praticada do espaço urbano. Há, ao contrário do que acontece na “Plataforma 7 e meio”, um diálogo contínuo e uma relação de definição recíproca entre o espaço e as experiências sexuais que nele ocorrem. O espaço se transforma pela prática da sexualidade e essa dimensão da sexualidade se define por sua relação peculiar com o espaço.

A relação entre parceiros que emerge dessa espécie de prática sexual se orienta, portanto, pelo lugar que cada um desses indivíduos ocupa nessa rede territorializada de relações em um determinado momento. O jogo erótico não se desenvolve então apenas por meio de uma cumplicidade provisória entre os envolvidos, mas segue ainda uma dinâmica territorialmente coreografada e territorialmente móvel.

Trata-se, em última instância, da possibilidade de garantir certa previsibilidade aos jogos (homo) eróticos.¹¹ Em sua entrevista, logo depois do trecho há pouco citado, Rebeca fala da importância em sua trajetória de certos

¹¹ A chave da construção de certa previsibilidade pode ser útil para pensar um outro universo, que não tratarei em maior profundidade aqui por não ter sido decisivo na trajetória de Ricardo: os encontros marcados a partir da internet. Em última instância, sua dinâmica é bastante semelhante àquela que venho descrevendo como característica de relações territorializadas.

lugares (especialmente casas noturnas) associados à sociabilidade homoerótica: entre diversos usos, esses espaços se mostravam como referências úteis para localizar e identificar potenciais parceiras diante da discricção e da complexidade dos códigos que parecem permear o universo da homossexualidade feminina.

E que recursos temos para pensar a distância possível entre esses padrões territoriais de comportamento e as linhas de força das relações de poder? Podemos dizer que a hierarquização dos corpos se faz sentir de forma muito mais marcante do que na “Plataforma 7 e meio”, mas mesmo assim está sujeita a deslocamentos curiosos.¹² Um trecho da entrevista com Lucas, 30 anos, é interessante para refletirmos a esse respeito:

Você vai, você pode ir às baladas mais caras de São Paulo. Ali você vai encontrar desde o cara mais rico até cabeleireiro, atendente de shopping... É que a balada gay compensa muito, você consegue o que você procura, então o cara pode mesmo gastar o salário dele inteiro para estar lá um dia, entende? Agora, você não vai encontrar esse cabeleireiro no Ritz, no teatro, e provavelmente nem no cinema. E nem se você chamar ele vai, pode até ir uma vez, pá, mas não vai te acompanhar. Só se você bancar o cara, mas aí... Porque ele não tem como. E o gay rico vai sempre que ele quer entende? Não precisa se preocupar com isso. Não é uma questão de ir uma vez, a questão é poder ir sempre.

Estamos aqui falando, em última instância, da distância entre “estilo de vida” (Bourdieu, 1983) e práticas particulares de consumo e sociabilidade urbana. Indivíduos pertencentes a classes sociais absolutamente diversas e portadores de estilos de vida muito diferentes podem frequentar os mesmos espaços, exercer algumas práticas em comum e até mesmo experienciar uma relação territorialmente coreografada sem que a distância entre ambos esteja sendo transposta de forma duradoura.

Não se trata de afirmar que o compartilhamento de hábitos de consumo e socialização não é importante, ou que essa proximidade territorial não seja um “bom

Sites como o Gaydar (<http://gaydar.com.br>) e o Man Hunt (www.manhunt.net), se não são propriamente “lugares onde as pessoas vão para isso”, são ferramentas às quais indivíduos recorrem com o objetivo explícito de encontrar parceiros para relações afetivas e sexuais homoeróticas. As formas como se configuram o compartilhamento e a mobilidade dos códigos, a coreografia do contato e das formas de apresentação de si, a inscrição subsequente no espaço da cidade, a possibilidade de engendrar relações duradouras e a presença mais ou menos marcante de relações de poder parecem permitir aproximações significativas entre esses universos, ou até mesmo problematizar a distância entre ambos, uma vez que se referem mutuamente e se articulam na experiência dos indivíduos.

12 O artigo “Negociando com a Adversidade”, de Laura Moutinho (2006) e o próprio “O Negócio do Michê” (Perlongher, 1987) são particularmente interessantes nesse sentido.

começo” para uma possível superação dessa distância, mas que esse deslocamento territorial não é, por si, suficiente para uma transformação duradoura da posição dos indivíduos em arranjo estabelecido de relações de poder.

Seria pouco interessante ou até mesmo absurdo, nesse sentido, tentar definir como uma rede de sociabilidade de camadas altas a “comunidade” formada pelos frequentadores de uma determinada casa noturna (seja ela tão cara quanto possa ser), ou mesmo tentar enxergar nos mecanismos de segregação dessa casa noturna (valor da entrada, dificuldade de acesso, preço do drink) o motor da dinâmica de diferenciação de classe no universo homossexual da cidade de São Paulo.¹³

Em outras palavras: espaços de sociabilidade e consumo são elementos importantes, até mesmo centrais, nas dinâmicas de diferenciação da cena gay paulistana, mas é apenas sua articulação coerente em um determinado “estilo de vida” que se mostra decisiva na definição de um lugar privilegiado na rede em questão. E esse processo de articulação se distancia significativamente, como veremos a seguir, do conjunto das experiências sexuais territorializadas.

Antes de passarmos à próxima esfera, devemos discutir ainda mais um face dessa dimensão da experiência sexual: a forma peculiar de efemeridade que a caracteriza. Essa efemeridade tem dois sentidos: em primeiro lugar, a limitação do intervalo de tempo no qual a experiência sexual territorializada influencia os corpos, expressa tanto na possibilidade dos indivíduos viverem experiências territoriais muito diversas dentro de um curto espaço de tempo, como na limitação da influência desse universo no percurso da vida como um todo (influência em geral muito mais ampla entre os 20 e 30 anos, por exemplo). Em segundo lugar, observamos uma mudança, uma renovação.¹⁴ significativamente rápida da configuração espacial e dos significados que circulam nos espaços sexualmente territorializados.¹⁵

Chegamos finalmente à parceria ou, mais precisamente, à experiência da parceria estável. Ao contrário das outras formas de experiência sexual que

13 É importante lembrarmos que a orientação geral de uma casa noturna é o lucro, o que torna de certa forma inviável (financeiramente) a continuidade de uma segregação muito rigorosa – ou pelo menos tão rigorosa como a do universo dos encontros e celebrações privados, universo esse muito menos marcado territorialmente.

14 A relação entre a velocidade de transformação das práticas e dos significados e a intensidade da dinâmica de diferenciação pode ser pensada a partir da clássica “Teoria da Classe Ociosa”, de Thorstein Veblen (Veblen, 1980).

15 Ver “Transformações no espaço urbano: o gueto gay paulistano entre 1954 e 1984” (In: Perlongher, 1987, pp. 40-67); “Homossexualismo em São Paulo e outros escritos” (Green; Trindade, 2005) e “Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo” (França, 2007).

discutimos aqui, a parceria estável se define precisamente pela forma particular como se estende no tempo; se estende no tempo no duplo sentido de ocupar grande parte do tempo livre dos parceiros e atravessar períodos frequentemente muito longos da vida dos indivíduos.

Associados a essa extensão cronológica peculiar temos certa autonomia em relação à topografia territorializada do espaço urbano; a presença insistente de marcadores de classe; uma importância enorme da compatibilidade entre os estilos de vida e um entrelaçamento constante com outras redes de sociabilidade duradouras.

A questão da passagem do parceiro de relações territorializadas para o acompanhante formulada por Lucas em um trecho já citado pode ser uma chave instrumental interessante para pensarmos essa série de associações. O que parece ser fundamental é que um parceiro seja capaz de acompanhar o outro em uma variedade mais ampla de atividades, conjunto de atividades que parece estar muito mais próximo do registro do estilo de vida do que do território.¹⁶ Estamos falando precisamente do problema da articulação de práticas particulares em um determinado estilo de vida.

Não podemos esquecer, nesse sentido, que a sexualidade não é a única dimensão de um estilo de vida. A vivência por parte dos parceiros de estilos de vida em certa medida compartilhados significa, portanto, a inserção do outro em redes de sociabilidade bastante diversas, marcadas também por graus bastante variáveis de territorialização, com especial destaque para as redes de amizade e parentesco. Essa inserção significa, a longo prazo, uma permeabilidade entre as redes: namorados que se tornam amigos, namorados de amigos que se tornam amigos, amigos de amigos que se tornam namorados, irmãos de namorados que se tornam amigos, namorados que se integram à família etc.

A extensão no tempo e a inserção em redes de sociabilidade duradouras tornam ainda muitas vezes a parceria estável um elemento decisivo na trajetória dos indivíduos, constituindo uma parte importante das narrativas a respeito do passado. Em quase todas as entrevistas realizadas, os parceiros itinerantes, ou mesmo os momentos quando o indivíduo buscou parceiros itinerantes, foram citados muito sucintamente ou não foram sequer citados, tendo se mostrado necessária certa insistência para que esse tópico fosse tratado com maior profundidade. A associação imediata feita por Ricardo da palavra “parceiros” com a parceria estável é significativa nesse sentido.

16 O desenho do espaço urbano pode ser extremamente desorientador quando se trata do estilo de vida característico de camadas mais altas. A amplitude espacial característica da dinâmica de sociabilidade de camadas altas é discutida de forma particularmente interessante no clássico “O mundo dos bens: por uma antropologia do consumo” (Douglas; Isherwood, 2004).

A importância da influência dos marcadores de classe e, em certas situações, de “raça” na dinâmica dos relacionamentos duradouros é sempre uma questão delicada.¹⁷ De forma genérica, podemos dizer que a parceria estável entre pessoas pertencentes a classes sociais sensivelmente distintas é extremamente rara e, quando ocorre, é significativamente mais breve.¹⁸ É interessante notar que se atribui muito pouca importância ao “preconceito”, fala-se mais frequentemente em um desgaste provocado pelo acúmulo de dificuldades, em uma dificuldade de ter a companhia do outro em um grande número de situações e na dificuldade de se manter um diálogo longo e prolífico com alguém com “referências” muito estreitas ou muito diferentes.¹⁹ É curioso observar como o desejo e o exercício da sexualidade não costumam aparecer como problemas. Parece, enfim, característico dessa espécie duradoura de experiência da sexualidade um constante e insistente entrelaçamento com outras dimensões da experiência de vida dos indivíduos.

Direcionamos nossa atenção até agora para a multiplicidade de formas e sentidos que caracteriza a experiência da (homos)sexualidade na trajetória sexual e afetiva de Ricardo, bem como para a lógica intrínseca de algumas dimensões peculiares dessa experiência.

Uma segunda série de problemas já começou a se desenhar, embora tenha permanecido até agora à margem do percurso central da argumentação. Trata-se do conjunto de percepções desenvolvidas por Ricardo acerca da diversidade vivida em sua experiência sexual. Em outras palavras, as questões que gostaria de discutir são: quanto a forma particular da experiência de Ricardo foi decisiva para definir sua compreensão da sexualidade ou, mais precisamente, da homossexualidade e, inversamente, como a perspectiva pela qual ele enxerga a sexualidade informou e informa essas diversas formas de praticar a homossexualidade?

Um segundo trecho da mesma entrevista, ocorrido não mais de 20 minutos

17 As diferenciações de idade ou geração se apresentaram de forma muito menos tensa na rede com a qual trabalhei. Quase todos os entrevistados afirmaram ter vivido (ou até mesmo viviam no momento da entrevista) relações afetivas e sexuais, muitas vezes duradouras, com indivíduos de idades bastante diversas, muito mais novos ou muito mais velhos (10, 15, 20 e até 30 anos). Essa diferença foi poucas vezes colocada como problemática e muitas vezes positivada, tanto em relação a parceiros mais novos como em relação a parceiros mais velhos. Ricardo, por exemplo, mantém uma relação estável com um homem 15 anos mais velho.

18 Uma tendência semelhante a “casar entre iguais” é observada por Moutinho (2004) em sua análise da dinâmica dos casais “heterocrômicos”.

19 Nesse sentido, a “classe” é associada a uma determinada “mentalidade”, a um determinado nível de “instrução” ou a uma determinada “visão de mundo”.

após o anterior, deve servir de referência para pensarmos esse universo das percepções de Ricardo acerca da sexualidade:

– **Então o que significa ser homossexual? É também uma coisa natural?**

– Acho que sim! Natural e até mesmo inata. É porque eu cheguei a falar algumas vezes na opção sexual, né? Mas eu não acredito muito em opção sexual, eu acho que é uma coisa que vem de... vem de...

– **Você acha que é uma coisa determinada no nascimento?**

– Em grande medida... acho que tem o, como que é se diz? Um multifatorial, digamos assim, mas em grande medida já está determinado, ou se determina nos primeiros meses de vida...

– **Você acha que é algo determinado realmente na infância?**

– Acho...

– **E o que você acha que determinou para você?**

– Um sentimento.

– **Como assim, sentimento?**

– Ah!, um sentimento homossexual, não sei te explicar... Mas é... sempre fui, né? Apesar de ter tido namoradas etc., eu sempre gostava mais de homens e, num dado momento, digamos, eu optei por ficar só com homens, mas, se fosse pela minha natureza, acho que eu não teria transado com mulheres nunca... Então, acho que é natural.

O contraste entre a multiplicidade observada no primeiro trecho e a univocidade presente nesse segundo é bastante surpreendente, e por isso mesmo significativa.

Se permanecêssemos na lógica da multiplicidade na experiência da sexualidade, chegaríamos a três formas de compreensão da identidade sexual: uma definida pelo desejo, pela disposição ao "pecado" e circunscrita, portanto, a uma cumplicidade efêmera; uma territorialidade nos termos de Perlongher, caracterizada por uma posição cambiante em uma rede de relações inscritas na topografia do espaço urbano e por fim um estilo de vida gay associado a uma ou outra rede estável de sociabilidade.

Mas a compreensão da homossexualidade é formulada por Ricardo (nesse trecho bem como em diversos outros momentos ao longo da entrevista) em termos de naturalidade, determinação e sentimento e não parece, portanto, se aproximar de nenhuma dessas três chaves. Estamos, aparentemente, diante de uma situação onde não seria apropriado dizer nem que as formas peculiares da experiência sexual se mostraram decisivas para o desenvolvimento de uma percepção acerca da sexualidade, nem uma particular percepção discursiva da sexualidade parece ter informado de forma decisiva a prática da homossexualidade.

Algo sensivelmente diferente caracterizou as trajetórias sexuais e afetivas de Rebeca e Lucas no que diz respeito ao desenvolvimento de uma percepção peculiar acerca da homossexualidade. No caso de Rebeca, um relacionamento particularmente marcante em sua adolescência é entendido como decisivo para os rumos de sua vida sexual e afetiva, de forma que a homossexualidade é compreendida como resultado, sempre parcial e provisório,²⁰ de um processo, de um acúmulo dialógico de experiências. O caso de Lucas é, de certa forma, inverso: foi o reconhecimento de si mesmo como homossexual, anterior mesmo a qualquer espécie de envolvimento emocional intenso com outro homem (nem mesmo uma paixão não correspondida), que informou sua busca por experiências homossexuais.

A trajetória de Ricardo, nesse sentido, é bem mais complexa. Sua experiência sexual se realizou, como vimos, em diversas dimensões, alternando inclusive práticas homo e heterossexuais. A adoção definitiva de uma orientação homossexual não foi precisamente localizada em momento algum de sua trajetória, e não parece estar relacionada a nenhuma experiência afetiva ou sexual em particular. Há apenas uma estranha certeza de que essa se trata de sua natureza, a manifestação mais sincera de seus sentimentos.

O seguinte trecho, ocorrido ao final da mesma entrevista, pode iluminar o problema da relação entre experiência e discurso na forma peculiar como a homossexualidade é elaborada por Ricardo. Conversávamos precisamente sobre a aparente contradição entre a extensa presença do sexo nas mais diversas espécies de diálogo e a baixa reflexividade que ele acreditava caracterizar a relação das pessoas em geral e dele em particular com a sexualidade.

– Mas se se fala muito sobre sexo, por que você acha que se reflete pouco sobre isso?

– Acho que é... Primeiro tem o lado do prazer, então fala-se muito sobre sexo porque é o grande prazer mesmo. E reflete-se pouco que é um grande tabu, né?

– Mas você acha que o tabu é falar sobre sexo ou falar certas coisas sobre sexo?

– É, falar sobre certas coisas... Aliás, falar sobre as coisas certas é tabu... Falar sobre as coisas erradas não é, é engraçado.

– Mas você acha que o grande prazer é o sexo ou falar sobre sexo?

– Pois é. Acho que tem um dado, biológico mesmo, que é associado ao prazer, até para as espécies procriarem, né? [...] É óbvio que o prazer de fazer sexo, pelo menos para mim, é muito maior do que o de falar sobre. [...]

²⁰ Rebeca não exclui, por exemplo, a possibilidade de um dia se apaixonar por um homem.

Agora a gente vive numa civilização onde, não sei exatamente o motivo, dessa exposição que aparentemente todo mundo deseja ter, não é? Que é muito mais interessante falar sobre as coisas do que viver as coisas... Então, acho que as pessoas se interessam muito mais em falar sobre ir a restaurante tal, falar que está namorando com fulano de tal, falar que fizeram isso, isso e aquilo, do que fazerem realmente.

– Você acha isso negativo?

– Acho.

– Você acha que sentiria o mesmo prazer em algumas coisas se não falasse sobre elas?

– Acho, acho que podia ser até mais. Por que se o prazer fosse concentrado na vivência em si e não no falar sobre a vivência ou expor a vivência, aí é autêntico, né?

Há, podemos dizer, uma espécie de desconfiança em relação ao discurso sobre o sexo, ao possível sufocamento da autenticidade da experiência (ou da vivência) pelo prolixismo de sua exposição. A simplicidade da compreensão se associa então de forma surpreendentemente coerente com a valorização da experiência “autêntica”.

Mas um problema ainda permanece no ar: como podemos pensar antropológicamente essa percepção que desconfia do discurso? Seria apropriado falar na existência de um discurso que busca negar a força e o valor do discurso? Se decidirmos seguir essa via de interpretação e tratarmos a compreensão da homossexualidade formulada por Ricardo como um discurso,²¹ uma curiosa aproximação pode ser feita em relação à formulação do problema da materialidade do sexo em Judith Butler (Butler, 1999).

Se em Butler a materialidade do sexo não é pré-discursiva, mas é inversamente o efeito mais produtivo de um discurso que materializa o sexo, me parece razoável propor que a experiência sexual extremamente diversificada que caracterizou a trajetória de Ricardo não se deu dessa forma por ter se distanciado da discursividade do sexo, mas precisamente porque a espécie de compreensão discursiva que Ricardo elaborou acerca da sexualidade permitiu e valorizou a diversificação da experiência sexual.

A forma como Ricardo compreende sua homossexualidade, caracterizada por uma forte certeza em sua naturalidade, pode então ser entendida como um discurso de valorização da diversidade e da intensidade da experiência sexual exatamente porque dá liberdade à vazão do desejo sem definir de forma rigorosa as formas como ele deve se manifestar e se concretizar em experiências. Nesse

²¹ O que significa, de certa forma, desconfiar do discurso que desconfia do discurso.

sentido, ao contrário do que parecia se desenhar há pouco, a compreensão discursiva da homossexualidade foi de certa forma decisiva para a forma peculiar como Ricardo viveu sua sexualidade.

Agora, a forma como essa compreensão se desenvolveu e se formulou ao longo da trajetória de Ricardo é uma questão complexa que permanecerá, pelo menos por enquanto, em aberto.

Referências Bibliográficas:

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Org.). *Os usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. "Gostos de classe e estilos de vida". In: Ortiz, Renato (org.) *Pierre Bourdieu – Coleção Grandes Cientistas Sociais* 39. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008.

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, G. L. *O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Atlântica, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "Platô 12 – Tratado de Nomadologia: A máquina de Guerra". In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: editora 34, 2008. v. 5.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens: por uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. v. I: A vontade de saber.

FRANÇA, Isadora Lins. "Sobre 'Guetos' e 'Rótulos': Tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo". *Cad. Pagu*. Campinas, n. 28, 2007.

- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2004.
- GREEN, James et al. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005.
- MOUTINHO, Laura. *Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos) sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro*. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2006, vol. 14, n.º 1.
- _____. *Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "inter-raciais" no Brasil e África do Sul*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê. A prostituição viril*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- POLLAK, M. "A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto?" In: Ariés, Philippe; Béjin, André (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- PRETI, Dino. "Algumas Peculiaridades da Linguagem Maliciosa". In: *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1984.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- VEBLEN, Tornstein. "A Teoria da Classe Ociosa". In: *Os Pensadores: Veblen*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.



Marcio Zamboni é graduado em Ciências Sociais pela USP.
E-mail: marciobz@gmail.com